

A Praia do Canto viveu nos últimos 20 anos um processo de mudança que alterou completamente seu perfil e trouxe-lhe vários

Mudança descaracteriza Praia do Canto

Cristina D'Avila

A Praia mudou de "cara". A debandada do comércio e do setor de serviços para o norte de Vitória está transformando a Praia do Canto, uma região nobre e ainda residencial, numa Copacabana capixaba. As mudanças dos últimos 20 anos trouxeram o barulho inconveniente da vida noturna, o trânsito caótico, depois da inauguração da Terceira Ponte, e a acelerada substituição das casas por novos condomínios fechados. O bairro não tem grandes problemas de infra-estrutura, mas se ressentem com a falta de teatros e cinemas. Alguns moradores vêem o local "mutilado". O metro quadrado do bairro mais caro da capital gira em torno de Cr\$ 200.000,00 a Cr\$ 250.000,00, e está localizado na Avenida Saturnino de Brito.

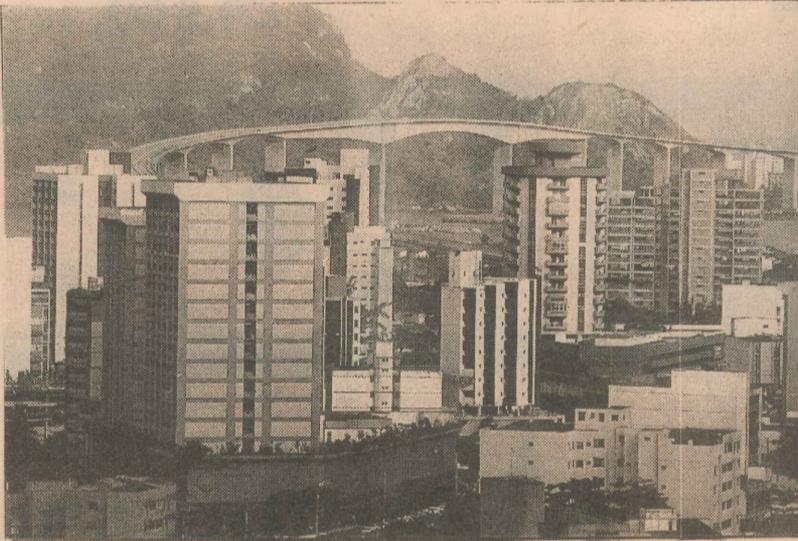


O fenômeno de "Copacabanização" da Praia do Canto aconteceu, para o chefe do Departamento de Arquitetura da Ufes, Kléber Frizzera, com a evolução de um projeto de habitação do tipo balneário para um perfil de bairro denso, com a superposição (mistura) de funções variadas (comercial, de serviço e residencial), normalmente voltadas para o segmento de renda alta. Este não é um processo vivido apenas em Vitória. O mesmo repetiu-se em outras cidades do país, como em Boa Viagem, em Recife, Jardins, em São Paulo, segundo Frizzera.

Isto acontece pela saturação dos espaços da área central das grandes cidades para as atividades comerciais e de serviços, pelo aumento da violência (assaltos, por exemplo) entre outros, de acordo com o professor. O Plano Diretor Urbano previa a concentração das atividades comerciais para as imediações das Avenidas Nossa Senhora da Penha e Leitão da Silva. O problema é que os investimentos nessas regiões ocorreram muito lentamente, esclarece Frizzera.

Evolução

Na década de 1970, aconteceu a defloração da Praia do Canto, com a derrubada de casas e mansões para a construção dos primeiros prédios residenciais, com três ou quatro pavimentos. Nas imediações das Avenidas Nossa Senhora da Penha, Desembargador Santos Neves e Rio Branco as modificações ocorreram de forma mais acelerada, com uma maior concentração comercial, institucional e de serviços. Foi a partir da construção do shopping Centro da Praia, em fins dos anos 70, que se iniciou o processo de



A ponte e o crescimento do comércio contribuíram para a mutilação

Alguns pontos e casas ainda resistem no antigo bairro familiar. A residência do primeiro morador, Nicolau Von Schilgen, sobrevive aos novos tempos. O primeiro clube da região surgiu na década de 50: o Praia Tênis. O primeiro bar foi o Miramar, na Avenida Saturnino de Brito. A proliferação de bares e restaurantes na década de 80 esquentou a vida noturna do bairro. A transferência do Britz Bar e do Restaurante Mar e Terra do centro para a Praia sinaliza as mudanças dos novos tempos.

O vice-prefeito de Vitória, Rogério Medeiros — que nasceu, em 1935, na antiga Praia Comprida, e viveu a maior parte de sua vida na Praia do Canto — vê "tragicamente" a mudança do perfil do bairro. "Essa capacidade dos homens de aumentarem as pistas para favorecer a máquina, os automóveis, acaba violentando a natureza", critica Rogério, ao lembrar da beleza da Praia do Canto com saudade. "Os limites antigos do bairro sumiram e hoje é chique morar lá", analisa. Como administrador público, o vice-prefeito — que não mora mais na Praia do Canto — pensa que depois das "cirurgias" feitas nas cidades elas não se recuperam. O que resta fazer ao poder público é humanizar o local. E, nesta direção, ele diz que sua gestão vem atuando, ao exigir a instalação dos filtros biológicos nos edifícios, investindo nas áreas de lazer e não ampliando o tráfego de veículos.

Descaso

O presidente da Associação de Moradores da Praia do Canto, Jorge Lopes, porém, vê descaso da atual administração da Prefeitura com o bairro. Com uma população estimada pela PMV em 30 mil moradores e com uma das mais altas taxas do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) da capital, ele constata que pouco a administração Vítor Buaziz fez pelo bairro. Na década de 1970, por exemplo,

se inscreveu para o próximo pleito.

Para 1992, as expectativas são melhores para a Praia do Canto. Foram eleitos dois delegados para defender as três prioridades do bairro no debate do orçamento: resolver o alagamento de parte da Avenida Saturnino de Brito nos dias de chuva, por causa do desnível da pista no trecho entre a Chapot Presvot e a Celso Calmon; colocar um fim ao confuso trânsito na saída da Terceira Ponte (praticamente sem sinalização) e a questão das invasões de calçadas pelos bares, residências e outros estabelecimentos. Jorge Lopes defende a abertura da praça Cristóvão Jacques como forma de facilitar o tráfego de veículos vindos da Terceira Ponte e cobra a promessa da PMV de fazer ao lado do canal de Camburi, do lado da Praia.

Praça privativa

As invasões de áreas no bairro, para ele, é um problema sério. Lá existe uma praça privativa da Igreja Helênica. Um terreno de 2.000 metros quadrados, localizado na esquina das ruas João da Cruz com a Dom Pedro II, onde funcionam vários bairros, foi invadido, quando no local era prevista a construção de uma praça de lazer.

A dona de casa Marília Vivacqua Belotti é da opinião que a Praia do Canto está sendo "mutilada". A poluição da praia, a invasão do comércio desordenada, o uso das áreas de lazer do bairro para fins que não os esportivos e voltados para as crianças, além do barulho infernal vindo dos bares à noite são problemas vividos pela região.

A PMV fiscaliza a ocupação do bairro com base no PDU, de 1984. O problema é que o número de fiscais da Secretaria de Obras e dos Serviços Urbanos do município — respectivamente, 80 e 72 (para atuar em toda a cida-

Planejamento foi o primeiro

A Praia do Canto foi o primeiro bairro planejado de Vitória. Ele é uma parte do projeto "Novo Arrabalde", criado em fins do Século XIX, pelo engenheiro sanitário Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, na gestão do então governador Muniz Freire (1892—1896). O plano de Saturnino previa a construção de uma estrada de ligação (bairro—Centro), uma vila operária, uma vila agrícola, além de um sistema de captação de água, tratamento e aproveitamento dos esgotos, hospitais, igrejas, cemitérios, parques e praças.

A estrada para ligar o novo bairro ao Centro (hoje, a Avenida Vitória) possuía 3.500 metros de comprimento. E, somente a partir da década de 30, com o surgimento do bonde elétrico, ela foi construída. O projeto já previa a ocupação dos terrenos marginais dessa avenida. Outra via, transformada como delimitação dos bairros nascidos a partir da divisão do "Novo Arrabalde", foi a atual Avenida Nossa Senhora da Penha.

Lotes grandes

O novo bairro era de cinco a seis vezes maior que o antigo centro de Vitória, ocupando uma área de 2.738 metros quadrados, dividido em 178 quarteirões e com 2.129 lotes. A área mínima de cada lote era de 500 metros quadrados, para permitir a construção das casas no centro do terreno, arejadas por todos os lados. O "Novo Arrabalde" compreendia os bairros Vermelho, Santa Lúcia, Santa Helena, Praia do Suá e Horto.

O professor do Departamento de Arquitetura da Ufes, Roberto Garcia Simões, conta que o "Novo Arrabalde" surgiu como uma área de expansão da capital, dentro do projeto do governador Muniz Freire de consolidar Vitória como a sede principal dos investimentos econômicos, através da atividade comercial e de serviços. Nessa época, o café, base da economia, vivia seu auge. Vitória tinha o status de capital, mas, de fato, a dinâmica da economia do Estado passava por três regiões do interior capixaba: São Mateus, Cachoeiro de Itapemirim e cidades serranas, como Santa Leopoldina, que tinham sua produção escoada pela capital. A meta de Muniz Freire era dar um cunho estadual à economia capixaba. Com isso, esperou-se um crescimento monstro de Vitória. Daí, o projeto de Saturnino de Brito.

Com a queda da atividade cafeeira, que entrou em crise, o projeto de Muniz Freire acabou não acontecendo por falta de recursos. Ele só começou a tomar fôlego no Governo de Florentino Avidos (1924 a 1928). Saturnino de Brito — responsável por diversas obras de saneamento em cidades como Campinas, Petrópolis, João Pessoa entre outras — tinha uma preocupação com a saúde pública.

Mudança descaracteriza Praia do Canto

Cristina D'Avila

A Praia mudou de "cara". A debandada do comércio e do setor de serviços para o norte de Vitória está transformando a Praia do Canto, uma região nobre a ainda residencial, numa Copacabana capixaba. As mudanças dos últimos 20 anos trouxeram o barulho inconveniente da vida noturna, o trânsito caótico, depois da inauguração da Terceira Ponte, e a acelerada substituição das casas por novos condomínios fechados. O bairro não tem grandes problemas de infra-estrutura, mas se ressentem com a falta de teatros e cinemas. Alguns moradores vêem o local "mutilado". O metro quadrado do bairro mais caro da capital gira em torno de Cr\$ 200.000,00 a Cr\$ 250.000,00, e está localizado na Avenida Saturnino de Brito.

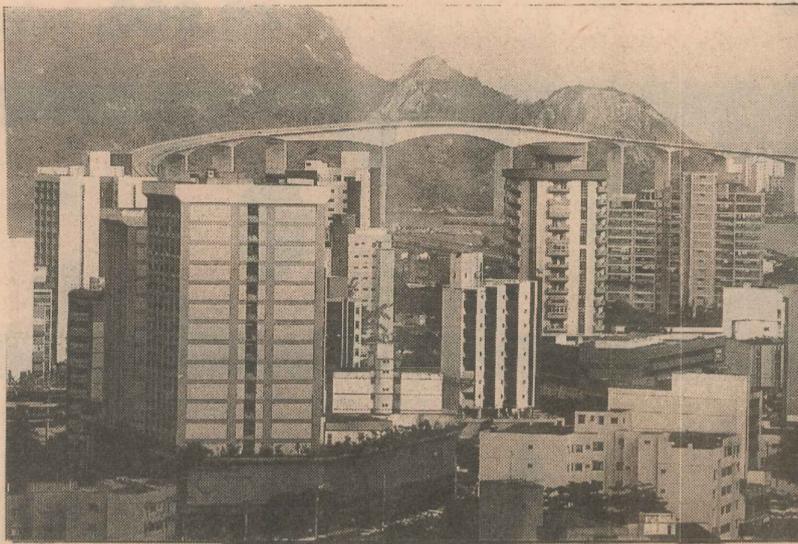
O fenômeno de "Copacabanização" da Praia do Canto aconteceu, para o chefe do Departamento de Arquitetura da Ufes, Kléber Frizzera, com a evolução de um projeto de habitação do tipo balneário para um perfil de bairro denso, com a superposição (mistura) de funções variadas (comercial, de serviço e residencial), normalmente voltadas para o segmento de renda alta. Este não é um processo vivido apenas em Vitória. O mesmo repetiu-se em outras cidades do país, como em Boa Viagem, em Recife, Jardins, em São Paulo, segundo Frizzera.

Isto acontece pela saturação dos espaços da área central das grandes cidades para as atividades comerciais e de serviços, pelo aumento da violência (assaltos, por exemplo) entre outros, de acordo com o professor. O Plano Diretor Urbano previa a concentração das atividades comerciais para as imediações das Avenidas Nossa Senhora da Penha e Leitão da Silva. O problema é que os investimentos nessas regiões ocorreram muito lentamente, esclarece Frizzera.

Evolução

Na década de 1970, aconteceu a deificação da Praia do Canto, com a derrubada de casas e mansões para a construção dos primeiros prédios residenciais, com três ou quatro pavimentos. Nas imediações das Avenidas Nossa Senhora da Penha, Desembargador Santos Neves e Rio Branco as modificações ocorreram de forma mais acelerada, com uma maior concentração comercial, institucional e de serviços. Foi a partir da construção do shopping Centro da Praia, em fins dos anos 70, que as mudanças ficaram mais evidentes. Há agências bancárias, comércios diversos, escolas espalhadas pela região.

Ao mesmo tempo, residências vão se tornando consultórios médicos, boutiques, escritórios para profissionais liberais e por aí a fora. Hoje, as residências estão cedendo espaços aos novos condomínios de alto gabarito, impondo-se à paisagem do bairro. Com a inauguração da Terceira Ponte, em agosto de 1989, e o funcionamento do Shopping Vitória, em fase de construção na Enseada do Suá, as previsões são de que a Praia do Canto dê um novo "salto". O Plano Diretor de Transportes Urbanos da Grande Vitória (de 1986) trabalha com uma taxa de crescimento populacional estimada de 92%, entre os anos de 1985 e 2.000.



A ponte e o crescimento do comércio contribuíram para a mutilação

Alguns pontos e casas ainda resistem no antigo bairro familiar. A residência do primeiro morador, Nicolau Von Schilgen, sobrevive aos novos tempos. O primeiro clube da região surgiu na década de 50: o Praia Tênis. O primeiro bar foi o Miramar, na Avenida Saturnino de Brito. A proliferação de bares e restaurantes na década de 80 esquentou a vida noturna do bairro. A transferência do Britz Bar e do Restaurante Mar e Terra do centro para a Praia sinaliza as mudanças dos novos tempos.

O vice-prefeito de Vitória, Rogério Medeiros — que nasceu em 1935, na antiga Praia Comprida, e viveu a maior parte de sua vida na Praia do Canto — vê "tragicamente" a mudança do perfil do bairro. "Essa capacidade dos homens de aumentarem as pistas para favorecer a máquina, os automóveis, acaba violentando a natureza", critica Rogério, ao lembrar da beleza da Praia do Canto com saudade. "Os limites antigos do bairro sumiram e hoje é chique morar lá", analisa. Como administrador público, o vice-prefeito — que não mora mais na Praia do Canto — pensa que depois das "cirurgias" feitas nas cidades elas não se recuperam. O que resta fazer ao poder público é humanizar o local. E, nesta direção, ele diz que sua gestão vem atuando, ao exigir a instalação dos filtros biológicos nos edifícios, investindo nas áreas de lazer e não ampliando o tráfego de veículos.

Descaso

O presidente da Associação de Moradores da Praia do Canto, Jorge Lopes, porém, vê descaso da atual administração da Prefeitura com o bairro. Com uma população estimada pela PMV em 30 mil moradores e com uma das mais altas taxas do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) da capital, ele constata que pouco a administração Vítor Buaiz fez pelo bairro. No ano passado, por exemplo, praticamente não ocorreram investimentos na Praia, segundo Lopes.

Aliás, nessa questão ele admite a desmobilização dos moradores da Praia do Canto para a discussão do orçamento da cidade. Em 1990, ele confessou que, por falta de quórum, as sucessivas assembleias de moradores convocadas para eleger os delegados do bairro para discutir as prioridades da PMV para este ano acabaram deixando o bairro de fora da discussão.

O desinteresse dos moradores pela entidade fica claro quando se observa que Jorge Lopes está à procura de um candidato para sucedê-lo à frente da Associação. O mandato dele venceu há dois meses e nenhum pretendente

se inscreveu para o próximo pleito.

Para 1992, as expectativas são melhores para a Praia do Canto. Foram eleitos dois delegados para defender as três prioridades do bairro no debate do orçamento: resolver o alagamento de parte da avenida Saturnino de Brito nos dias de chuva, por causa do desnível da pista no trecho entre a Chapot Presvot e a Celso Calmon; colocar um fim ao confuso trânsito na saída da Terceira Ponte (praticamente sem sinalização) e a questão das invasões de calçadas pelos bares, residências e outros estabelecimentos. Jorge Lopes defende a abertura da praça Cristóvão Jacques como forma de facilitar o tráfego de veículos vindos da Terceira Ponte e cobra a promessa da PMV de fazer ao lado do canal de Camburi, do lado da Praia.

Praça privativa

As invasões de áreas no bairro, para ele, é um problema sério. Lá existe uma praça privativa da Igreja Helênic. Um terreno de 2.000 metros quadrados, localizado na esquina das ruas João da Cruz com a Dom Pedro II, onde funcionam vários bairros, foi invadido, quando no local era prevista a construção de uma praça de lazer.

A dona de casa Marília Vivacqua Belotti é da opinião que a Praia do Canto está sendo "mutilada". A poluição da praia, a invasão do comércio desordenada, o uso das áreas de lazer do bairro para fins que não os esportivos e voltados para as crianças, além do barulho infernal vindo dos bares à noite são problemas vividos pela região.

A PMV fiscaliza a ocupação do bairro com base no PDU, de 1984. O problema é que o número de fiscais da Secretaria de Obras e dos Serviços Urbanos do município — respectivamente, 80 e 72 (para atuar em toda a cidade) — é insuficiente para coibir os abusos. O secretário municipal do Planejamento, Fernando Bettarello, informou que a Prefeitura já iniciou o processo de elaboração de um novo PDU para a cidade. Atualmente, existem dois grupos fazendo um diagnóstico da situação que será apresentada aos 16 membros do Conselho do PDU e às entidades organizadas do bairro (a PMV tem quatro membros nesse colegiado). Muitas questões relativas ao PDU acabam parando na Justiça, como a que aconteceu, recentemente, na Avenida Desembargador Santos Neves, quando um muro que invadiu a calçada foi derrubado. O juiz da Vara dos Feitos da Fazenda Municipal, Delano Câmara, disse que cerca de 30% das questões analisadas por ele na Capital referem-se a questões do PDU de Vitória.

Planejamento foi o primeiro

A Praia do Canto foi o primeiro bairro planejado de Vitória. Ele é uma parte do projeto "Novo Arrabalde", criado em fins do Século XIX, pelo engenheiro sanitário Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, na gestão do então governador Muniz Freire (1892—1896). O plano de Saturnino previa a construção de uma estrada de ligação (bairro—Centro), uma vila operária, uma vila agrícola, além de um sistema de captação de água, tratamento e aproveitamento dos esgotos, hospitais, igrejas, cemitérios, parques e praças.

A estrada para ligar o novo bairro ao Centro (hoje, a Avenida Vitória) possuía 3.500 metros de comprimento. E, somente a partir da década de 30, com o surgimento do bonde elétrico, ela foi construída. O projeto já previa a ocupação dos terrenos marginais dessa avenida. Outra via, transformada como delimitação dos bairros nascidos a partir da divisão do "Novo Arrabalde", foi a atual avenida Nossa Senhora da Penha.

Lotes grandes

O novo bairro era de cinco a seis vezes maior que o antigo centro de Vitória, ocupando uma área de 2.738 metros quadrados, dividido em 178 quarteirões e com 2.129 lotes. A área mínima de cada lote era de 500 metros quadrados, para permitir a construção das casas no centro do terreno, arreadas por todos os lados. O "Novo Arrabalde" compreendia os bairros Vermelho, Santa Lúcia, Santa Helena, Praia do Suá e Horto.

O professor do Departamento de Arquitetura da Ufes, Roberto Garcia Simões, conta que o "Novo Arrabalde" surgiu como uma área de expansão da capital, dentro do projeto do governador Muniz Freire de consolidar Vitória como a sede principal dos investimentos econômicos, através da atividade comercial e de serviços. Nessa época, o café, base da economia, vivia seu auge. Vitória tinha o status de capital, mas, de fato, a dinâmica da economia do Estado passava por três regiões do interior capixaba: São Mateus, Cachoeiro de Itapemirim e cidades serranas, como Santa Leopoldina, que tinham sua produção escoada pela capital. A meta de Muniz Freire era dar um cunho estadual à economia capixaba. Com isso, esperou-se um crescimento monstro de Vitória. Daí, o projeto de Saturnino de Brito.

Com a queda da atividade cafeeira, que entrou em crise, o projeto de Muniz Freire acabou não acontecendo por falta de recursos. Ele só começou a tomar fôlego no Governo de Florentino Avidos (1924 a 1928). Saturnino de Brito — responsável por diversas obras de saneamento em cidades como Campinas, Petrópolis, João Pessoa entre outras — tinha uma preocupação com a teoria da Medicina Social, que estabelecia uma integração do meio social com a natureza. O que prevalecia até então era o pensamento de que o meio ambiente representava uma ameaça à saúde da população. O atraso da ciência sustentava a visão de que a água estagnada e o ar transmitissem doenças. Daí, as ruas largas, para favorecer a circulação do ar, e a rede de drenagem das águas pluviais, para evitar o represamento das águas, no "Novo Arrabalde".

As praças, os bosques de eucalipto (projetados para purificar o ar), o Morro da Barrinha (onde está hoje o colégio Sacre Couer) eram os locais de passeio da população no projeto de Saturnino. O bairro chega aos dias de hoje com seu traçado básico pouco alterado, acrescido de aterro dos manguezais nas proximidades e invasão do mar.